

Mesmo a treva não é treva para ti (Sl 139, 12a): A longa noite escura da COVID-19

Even darkness is not darkness for you (Psalm 139: 12a):
The long dark night of COVID-19

*Cleudir José dos Santos*¹

Resumo: Este trabalho de pesquisa bibliográfica trata da emergência da pandemia da COVID-19 e propõe sua contextualização simbólica, dialogando com alguns autores que iluminam a travessia das trevas representadas pela pandemia. Assim, no percurso do texto introduz-se o simbolismo da noite escura, explorando as contribuições da teologia simbólica do jesuíta Charles André Bernard à presente abordagem. A noção teológica do Reino de Deus como utopia é levantada a partir da teóloga Maria Clara L. Bingemer. São consideradas algumas reflexões filosóficas e sociopolíticas sobre a pandemia, com destaque para os filósofos Slavoj Žižek e Byung-Chul Han, bem como para o sociólogo Boaventura de Sousa Santos. A articulação dos autores acima, entre outros, indica a imprescindibilidade da fé junto à razão no desafio pandêmico. Por último, fala-se da oração solene do Papa Francisco, em 27 de março de 2020, como testemunho de sua ação pastoral e profética frente à pandemia. Conclui-se que a noite escura da COVID-19 nos convida a começarmos a tecer um futuro no qual a solidariedade e a utopia, assim como a caridade, sejam os marcos orientativos das nossas vidas e das nossas sociedades.

Palavras-chave: Pandemia. Pastoral. Teologia simbólica. Trevas. Utopia.

¹ Doutorando em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) de Belo Horizonte. Artigo elaborado a partir de comunicação com o mesmo título apresentada no I Congresso Brasileiro de Teologia Pastoral realizado na FAJE, em 2021, com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). cleudir.santos@hotmail.com

Abstract: This bibliographic research work deals with the emergence of the COVID-19 pandemic and proposes its symbolic contextualization, dialoguing with some authors who illuminate the crossing of darkness represented by the pandemic. Thus, in the course of the text, the symbolism of the dark night is introduced and the contributions of the symbolic theology of the Jesuit Charles André Bernard to the present approach are discussed. The theological notion of the Kingdom of God as a utopia is raised from theologian Maria Clara L. Bingemer and some philosophical and sociopolitical reflections on the pandemic are considered, highlighting the philosophers Slavoj Žižek and Byung-Chul Han, as well as the sociologist Boaventura de Sousa Santos. The reasoning of the authors above, among others, indicates the indispensability of faith combined with reason in facing the pandemic challenge. Finally, it approaches the solemn prayer of Pope Francis, on March 27, 2020, as a witness of his pastoral and prophetic action towards the pandemic. Finally, the dark night of COVID-19 invites us to start building a future in which solidarity and utopia, as well as charity, are the guiding principles of our lives and our societies.

Keywords: Pandemic. Pastoral. Symbolic theology. Darkness. Utopia.

Introdução

Uma pandemia como a da COVID-19 era um temor antigo. Médicos, sanitaristas e epidemiologistas, entre outros, há muito alertavam sobre a possibilidade de um evento desses, tendo em vista nosso modelo atual de sociedade baseada no capitalismo neoliberal financeiro, agressivo com a natureza ao explorá-la de forma predatória e destrutiva, e impiedoso com a humanidade ao impor cada vez mais necessidades de consumo, mas ao mesmo tempo excluindo desse consumo e, portanto, da participação nessa sociedade, de crescente número de pessoas, grupos e faixas da população, povos, países e continentes inteiros situados “a sul da quarentena”, expressão elaborada por Boaventura de Sousa Santos (2020, p. 15), segundo ele, não como um espaço geográfico, mas como um espaço-tempo político, social e cultural, metáfora das injustiças de um sistema que sequestra o Estado e deixa suas populações sem possibilidade de proteção social e sanitária.

Assim, este trabalho se propõe a levantar algumas contribuições da teologia simbólica à reflexão, partindo da emergência viral, passando pelo simbolismo da noite escura da COVID-19, pela poesia e lirismo da utopia do Reino de Deus pronunciado no hino pascal *Exultet*, mas também percorrendo as considerações de alguns estudiosos sobre os impactos da pandemia, até chegar ao solene e magistral ensino pastoral do Papa Francisco, quando adentrou sozinho a Praça de São Pedro para falar à humanidade sobre a questão.

1. A emergência viral

No princípio da pandemia da COVID-19 eclodiram a incredulidade e a dúvida. A partir da cidade de Wuhan, na China, ao final do ano de 2019, enquanto médicos alertavam para um surto de doença respiratória com sintomas graves, o Governo Chinês rapidamente movimentou sua poderosa máquina político-ideológica para dar conta da emergência viral. Foi pela leitura desses movimentos que o nosso mundo globalizado e informatizado, quase em tempo real, tomou conhecimento da chegada do vírus.

Os passos seguintes foram de aturdimento e pânico das autoridades mundiais, afinal tanto podia ser uma reação típica de força do governo chinês frente a uma ameaça à saúde pública local, portanto em vias de controle, como podia ser a origem de uma pandemia, algo difícil de controlar e fatal. Na dúvida e na desconfiança, mormente alimentadas por ideologizações políticas, quanto mais à direita fossem, prevaleceu a argucidade das autoridades médicas, sanitárias, epidemiológicas e científicas em geral. As análises abalizadas mundialmente foram tantas e diversas que um sinal de perigo rapidamente percorreu o mundo.

De fato, desde dezembro de 2019, quando o vírus começou a ser plenamente noticiado, ele passou de surto em Wuhan, tornando-se logo epidemia quando escapou da cidade, tendo sido declarado pandemia pela OMS em 11 de março de 2020.

Da incredulidade e dúvida o mundo passou ao preconceito, um instante cruel e doloroso na percepção da emergência viral. A capa do livro de Pablo Amadeo (Ed.), intitulado *A Sopa de Wuhan*, retrata bem essa questão, pois mostra morcegos em destaque. Não bastasse isso, a primeira página exhibe unicamente o desenho de um prato de sopa. A ideia remete à primeira suposição da origem do vírus e à consequente contaminação humana. Tudo teria começado no mercado de Wuhan, onde eram comercializados animais silvestres e exóticos, sem maiores cuidados sanitários, para consumo ao gosto dos chineses. A pecha, talvez ante a própria gravidade e força do fenômeno viral, não vingou, embora a capa do livro permaneça como chamada à reflexão ética afim. Mas o símbolo da Sopa de Wuhan nos coloca no limiar da obscuridade, no ponto em que a teologia simbólica pode nos dizer algo sobre a terrível calamidade que desde então se adensou sobre a humanidade e há mais de um ano cobra seu preço em vidas.

2. A noite escura da COVID-19

O surgimento do novo coronavírus a partir da China assomou a humanidade como um rápido entardecer de inverno, tão nebuloso e frio que por si mesmo já anunciava sobre a noite, ventos tétricos, escuridão, silêncio e recolhimento. O simbolismo dessa linguagem vem a propósito de algumas considerações teológicas que faremos num esforço de racionalização e ressignificação de como percebemos a COVID-19 em nossos corações e vidas, e dessa forma nos perguntamos pela presença de Deus também nesse momento tão anormal, agressivo e difícil,

onde a humanidade clama a Deus.

Vivemos ainda hoje, em razão da pandemia, um tempo de igrejas vazias e fechadas. Muitos padres, pela primeira vez, ficaram sozinhos em suas igrejas cumprindo interditos que pouco a pouco vão sendo flexibilizados. Mas as igrejas já vinham se esvaziando durante o longo processo de secularização da religião, desde o início da modernidade, de modo que então devêssemos nos perguntar: “Será que não se cumpriu a visão do Papa Francisco, na qual Cristo (que segundo as palavras da Escritura bate à nossa porta) bate dessa vez do lado de dentro da porta da Igreja porque quer ir para fora?” (HALIK, 2021, p.13-14), chamando-nos a segui-lo no serviço aos pobres, excluídos e marginalizados?

No sentido simbólico, podemos associar esse esvaziamento das igrejas com a tradição ainda seguida em alguns lugares, durante a Quaresma, de cobrir todas as imagens e crucifixos com um pano roxo. Trata-se de uma prática em que, representando a ocultação de Deus, somos chamados à penitência e à conversão, permitindo-nos depois olhar as mesmas imagens com mais profundidade, com uma fé renovada pela reflexão do tempo quaresmal.

(...) a religião e a arte têm uma função em comum: tornam visível o invisível, expressam o indizível. E nessa tarefa, aparentemente paradoxal, são úteis sobretudo os símbolos. O símbolo constrói uma ponte entre o invisível e o visível e vice-versa, entre o indizível e o dizível e vice-versa, entre a realidade sensorial e o mistério supra empírico. Simultaneamente, o símbolo desvenda e cobre aquilo para que aponta (HALIK, 2021, p. 34).

A teologia simbólica nos informa que a imagem é um recurso privilegiado para exprimir a realidade espiritual. Assim testemunham toda a Bíblia e os místicos. Os símbolos pertencem ao campo da atividade imaginativa do homem e é a função simbólica que lhe permite um espaço vital de relações entre suas funções subjetivas e os pulsos ou ações objetivas do seu mundo exterior ou circundante. Assim, a atividade simbólica diz respeito à dimensão espiritual do ser humano e se constitui em um prolongamento sobre as experiências sensíveis. A linguagem simbólica, por sua vez, nos conduz a partir do significado de algo conhecido, para o conhecimento de outra realidade correspondente e escondida. Mas os símbolos sempre guardam ambiguidades e plurivalências.

O símbolo da noite escura da COVID-19 nos diz então muito mais do que a ideia sobre o desaparecimento da luz ante o alastramento da pandemia. As trevas nos impedem a visão e dessa forma “aumentam a consciência do perigo e, portanto, as sensações desagradáveis de temor e angústia: medo de animais selvagens, de morcegos, dos menores ruídos, de cair num buraco... aumentam, portanto, a necessidade de proteção” (GIRARD, 2005, p. 239). A conotação da imagem da escuridão é a da própria morte e do mal agindo na obscuridade, com impiedade e terror.

Impossível não observar que a definição do Padre Marc Girard acima lembra em muito a capa do livro Sopa de Wuhan, com seus morcegos que, afinal, estariam na composição da própria sopa. Nada mais elementar quanto à noção de linguagem simbólica e ao mesmo tempo sinistro pela coincidência.

Mas os símbolos, como vimos, comportam ambiguidades. Dessa forma as trevas antagonicamente prenunciam o dia claro e nos conduzem à luz no sentido da realidade de Deus, cuja presença é luz e vida para a alma. Os símbolos ao mesmo tempo em que exprimem a realidade espiritual, de fato a comunicam e a tornam presente, em particular nos que exercem sua fé em Cristo e participam dos sacramentos e da oração.

A atividade simbólica, não obstante sua subjetividade, parte do homem e de sua realidade concreta no mundo. Entender a estruturação da expressão simbólica permite uma melhor compreensão das Sagradas Escrituras, dos místicos e, por extensão, favorece a percepção de valores espirituais por vezes esquecidos ou não vistos. Partindo da presença do homem no mundo os símbolos trazem consigo toda uma carga estética e afetiva. Tal é a riqueza da linguagem simbólica que, "De fato, deve-se notar que, por meio da Escritura e dos sacramentos, os símbolos são elevados à dignidade de instrumentos da vida da graça." (BERNARD, 1984, p. 13, tradução nossa).

Neste ponto entramos propriamente no campo da consciência e da fé cristã onde, malgrado a noite escura e seu silêncio mortal, é nesse momento tenebroso mesmo que Deus vem fortalecer a alma e lhe comunicar sua paz. Deus fala no silêncio. E a noite aqui também significará tempo de gestação e mudança que deverá trazer o dia pleno de vida. É como na noite pascal em que o pecado e a morte são vencidos e Cristo ressuscita vitorioso.

Na doutrina de São João da Cruz, conforme explica o Padre Charles André Bernard (1923-2001), teólogo estudioso das teologias simbólica e afetiva, o tema da luz põe em relevo uma nova vida espiritual que ressoa na consciência, simbolizando o despertar e a revelação, conforme assim resumido:

se, em si, a vida divina é luz para a alma, não obstante investe a consciência mergulhando-a na noite. E, reciprocamente, a noite chama o amanhecer e o dia que vai amanhecer. Este tema sustenta o lirismo extraordinário do hino da ressurreição que canta a noite bendita em que a vida voltou a explodir: "a noite como o dia se iluminará" (Sl 139,12), e a noite será "a minha iluminação e as minhas delícias" (Sl 139,11): "E a noite será leve sobre mim" (Hino pascal *Exultet*) (BERNARD, 1984, p. 268-269, tradução nossa).

O autor prossegue explicando em sua obra Teologia Simbólica, "Esta é a noite de Páscoa da qual todo cristão deve participar" (BERNARD, 1984, p. 278, tradução nossa), porque nessa noite Cristo rompe os laços da morte e ressuscita, iluminando agora todo o universo que volta à graça, enquanto nos torna partícipes de sua santidade, preenchendo-nos de esperança sobre a plenitude da realização do Reino de Deus.

3. "E a noite será leve sobre mim": utopia, reflexões e esperanças sobre a pandemia

Os cristãos já foram reconhecidos outrora como aqueles que não temiam a morte, tendo em vista que seguiam a Cristo, o Vivente. Todavia, nesses tempos

de pandemia, o medo da contaminação e morte nos confronta até mesmo com o primeiro medo, o medo de Deus. E assim nos questionamos em nossa fé e nos contristamos ante nossas misérias e vulnerabilidades. Mas não seríamos verdadeiros cristãos se em tudo não nos apresentássemos diante de Deus e se não ouvíssemos nossos padres, sábios e cientistas, porque todos eles, em diferentes medidas, nos apresentam suas reflexões conforme o dom que Deus lhes deu.

Nesse sentido exploraremos brevemente algumas colocações da teóloga e professora Maria Clara L. Bingemer sobre a utopia do Reino de Deus, veremos as considerações de dois filósofos, Slavoj Zizek e Byung-Chul Han, que têm posições opostas, bem como de um sociólogo, Boaventura de Sousa Santos, estes três últimos falando sobre os impactos da COVID-19 na organização do mundo.

Para a professora Maria Clara o projeto do Reino de Deus é uma utopia. E para realiza-lo não bastam apenas a caridade assistencialista e as boas relações interpessoais, que embora importantes, não transformam a sociedade. Para as exigências do Reino de Deus "É preciso chegar até a solidariedade, a igualdade verdadeira, a fraternidade incondicional, em um sistema de convivência que faça tudo isso realmente possível e viável" (BINGEMER, 2008, p. 61).

A utopia, conforme a professora, é algo que ainda não tem lugar e ainda não acontece. Não obstante, a utopia deve ser entendida como antecipação de um futuro justo e digno para o ser humano. Na verdade, a utopia ativa forças de transformação e desse modo funciona como motor da história. É nessa perspectiva que os cristãos, pela fé, podem continuar sempre na realização do projeto do Reino de Deus. Ainda que saibam que será sempre um projeto utópico, continuarão buscando o bem das pessoas, para além das possibilidades sempre ambíguas e limitadas dos sistemas político-econômicos históricos.

O filósofo e psicanalista esloveno Slavoj Zizek, na mesma direção desse reino utópico, pensando sob a influência de Karl Marx e Jacques Lacan, nos fala também da urgência de uma solidariedade incondicional cuja possibilidade estaria sendo aberta pelo ataque do vírus. Na esteira da COVID-19, que despertou ideologias e nacionalismos encobertos, conforme Zizek, talvez se levante um outro vírus ideologicamente humanitário que, "muito mais benigno, também se alastre e, com sorte, infecte a todos nós: o vírus de começarmos a pensar em possibilidades alternativas de sociedade, possibilidades para além do Estado-nação, que se efetivem sob formas de cooperação e solidariedade globais" (ZIZEK, 2020, p. 29).

Para Zizek a epidemia do coronavírus coloca em xeque a globalização de mercado, o populismo nacionalista e o capitalismo financeiro. Criticado e ridicularizado por suas posições que reinventam o comunismo, o filósofo nos adverte contra a ameaça da barbárie pós-pandemia, na figura de um novo capitalismo ainda mais agressivo com os trabalhadores, idosos, doentes e vulneráveis.

Byung-Chul Han, filósofo e ensaísta sul-coreano radicado na Alemanha, diferentemente de Zizek, postula que o vírus não vencerá o capitalismo. Para ele a pandemia encaminha a humanidade para uma situação tecnológica distópica de maior controle e sujeição das pessoas, de forma que o vírus fortalecerá o

neoliberalismo, instaurando o estado de exceção previsto por Giorgio Agamben ao irromper da crise.

Apesar de predizer essa vantagem inicial para o sistema econômico ora dominante, Byung-Chul Han acredita que depois do vírus os seres humanos poderão assumir seu protagonismo e repensar o sistema do capitalismo destrutivo “para nos salvar, para salvar o clima e nosso lindo planeta” (AGAMBEN *et al*, 2020, p. 111, tradução nossa).

Boaventura de Sousa Santos, sociólogo e intelectual português de destacada produção sociopolítica sobre a modernidade colonial e o “mundo a sul da quarentena”, por sua vez, elabora uma análise sobre a pedagogia do vírus, onde mostra que “A ideia conservadora de que não há alternativa ao modo de vida imposto pelo hipercapitalismo em que vivemos cai por terra” (SANTOS, 2020, p. 6). A pandemia, segundo o autor, tem a força de trazer alternativas à discussão, sendo que o futuro da civilização será determinado por como interpretarmos a situação.

A pedagogia do vírus, nesse sentido, nos deixa suas primeiras lições, conforme lista Boaventura (2020, p. 22-28): 1) O tempo político e mediático condiciona nossa percepção de riscos e não nos atentamos para a crise ecológica, por exemplo, que já é irreversível; 2) As pandemias não matam tão indiscriminadamente quanto se julga, mas atingem principalmente os empobrecidos e vulneráveis; 3) Enquanto modelo social, o capitalismo não tem futuro. A pandemia está a nos revelar que as políticas neoliberais minam a capacidade de atuação do Estado e as populações ficam indefesas; 4) A extrema-direita e a direita hiper-neoliberal ficam definitivamente (espera-se) descreditadas. Não existe a possibilidade de um capitalismo de rosto humano; 5) O colonialismo e o patriarcado estão vivos e reforçam-se nos momentos de crise aguda; 6) O regresso do Estado e da comunidade, porque o capitalismo neoliberal incapacitou o Estado para responder às emergências.

Aprofundando a análise dessas primeiras lições da pandemia, Boaventura nos apresenta em publicação de janeiro deste ano de 2021, seu livro *O futuro começa agora: da pandemia à utopia*, no qual explora o surto epidêmico desde a sua contextualização histórica, até seus aspectos políticos e socioeconômicos mundiais. Considerando seu objetivo de que entendamos o que o vírus quer nos dizer e a que nos convoca à ação, posto a argucidade do autor e a atualidade da obra, vamos destacar abaixo algumas de suas considerações.

Primeiro, explica o autor, que o “livro foi escrito entre o medo e a esperança, tal como um e outra nos confrontam no início do século XXI” (BOAVENTURA, 2021, p. 16). Trata-se aqui da tensão do processo histórico que marcou a gestação da pandemia nas rupturas e falhas da modernidade caracterizada pelo presentismo, um clima de época que não reconhece o passado nem necessita de um futuro, como se o progresso fosse uma constante eterna, não obstante a contradição de se tornar cada vez mais intolerável para a maioria populacional. Assim estaríamos frente à COVI-19 como um evento de mudança de época.

O novo século começa agora, em 2020, com a pandemia, e aconteça o que acontecer. É, no entanto, um começo diferente dos anteriores. Se for apenas o começo de um século de pandemia intermitente, haverá nele algo de fúnebre e crepuscular, o início de um fim. Por outro lado, pode ser também o começo de uma nova época, de um novo modelo civilizacional (BOAVENTURA, 2021, p. 16).

Conforme Boaventura, nossa sociedade está assentada sobre o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado e esses modos de dominação precisam ser revistos porque é urgente voltarmos a atenção para algumas situações como a das mulheres, que embora sejam “as cuidadoras do mundo”, são discriminadas. Temos que resolver a escandalosa condição dos trabalhadores precários, das populações de rua, dos moradores das periferias, dos refugiados e imigrantes, dos deficientes e dos idosos. Estes são apenas alguns grupos que a quarentena visibiliza, reforçando a percepção do sofrimento, da injustiça e da exclusão social em que vivem.

Diante dessas realidades, Boaventura elabora três diferentes cenários para o pós-pandemia. No primeiro o capitalismo se aprofundaria tornando-se mais bárbaro, centrado na destruição da vida sob o avanço do racismo e do patriarcado. Nesse cenário a economia é dominada pelos interesses do capital e tudo é visto sob a ótica da oportunidade de lucro. No segundo cenário a marca seria a de um novo neokeynesianismo de soluções temporizativas ante a pandemia, mas protetor do capitalismo e aderente à modernidade colonial. O terceiro cenário é destacado por Boaventura como sendo o tempo de uma oportunidade histórica criada pela pandemia. Seria um *kairós*, um tempo utópico que possibilitaria a mudança de paradigmas. “O *kairós* é o tempo que mais se aproxima do tempo utópico sem nunca se encontrar com ele” (BOAVENTURA, 2021, p. 232).

No terceiro cenário, portanto, a questão civilizacional entra em pauta. Essa é uma das discussões puxadas pela COVID-19. Entretanto, essa reflexão depende da nossa percepção sobre o atual modelo de civilização como uma forma de barbárie da modernidade eurocêntrica. Se formos capazes dessa leitura, então será possível a experiência de uma nova pulsão utópica, dessa vez aberta à diversidade presente no mundo, agora visto como um lugar cosmopolita e disposto como “casa comum” humana aberta a outro modelo de civilização.

Todavia, serão os processos políticos e os jogos de interesses e de poder que determinarão o cenário que vai prevalecer, tendo em vista que nem todos os países centraram a força pública no atendimento humanitário da crise pandêmica, pois em países como os EUA e Brasil, destacadamente, “a combinação tóxica entre autoritarismo e ineficácia tomou proporções criminosas e mesmo genocidas” (BOAVENTURA, 2021, p. 232).

Finalmente, na análise de Boaventura, somente uma nova articulação entre os processos políticos e os processos civilizatórios, simbolicamente separados com a queda do muro de Berlin, nos permitirá vencer a atual ordem capitalista hegemônica e predatória. E a natureza precisa ser incluída nessa discussão como portadora da vida do planeta, inclusive da humanidade, cuja agressividade com as demais vidas está colocando em risco a existência comum de todos.

Vale anotar que teólogos, filósofos, sociólogos, intelectuais e pensadores em geral, em especial os que colocamos em destaque neste trabalho, frente à persistência da pandemia, estão continuamente ampliando, discutindo e eventualmente revendo seus estudos. No contexto deste artigo, semelhantemente, a finalidade também é a reflexão. Além disso, pela articulação dos diversos autores, fica clara a imprescindibilidade da fé junto à razão no desafio pandêmico.

4. A oração do Papa Francisco

“É chegada a noite” (Mc 4, 35). Assim começa o Evangelho que ouvimos. Durante semanas, parece que a noite caiu. A escuridão tenebrosa se adensou sobre nossas praças, ruas e cidades; elas tomaram conta de nossas vidas, enchendo tudo com um silêncio ensurdecedor e um vazio desolador, que paralisa tudo que passa: você pode sentir isso no ar, você pode sentir nos gestos, os olhares dizem. Ficamos assustados e perdidos. Como os discípulos do evangelho, fomos pegos de surpresa por uma tempestade inesperada e furiosa (FRANCISCO, 2020c, tradução nossa).

Em 27 de março de 2020 o Papa Francisco adentrou sozinho a Praça de São Pedro em ato solene e extraordinário, *Urbi et Orbi*², de oração para todo o mundo. Suas primeiras palavras acima, sobre a leitura do Evangelho, levantaram exatamente o símbolo da noite escura. “É chegada a noite” (Mc 4,35). Na sua condição de pastor de toda a Igreja e líder religioso mundial, ele tinha dois objetivos, sugerir direções frente à crise para reconstrução de um mundo melhor e trazer esperança em meio ao sofrimento e desconcerto impostos pela pandemia.

Com seu enfoque inclusivo e fraternal, o Papa Francisco falou a toda a humanidade, desafiando-nos à ação e ao bem comum. Sua bênção ecoou como um chamado a todas as pessoas e todos os povos: “Desta colunata que abraça Roma e o mundo que a bênção de Deus desça sobre vós, como um abraço consolador: Senhor, abençoa o mundo, dá saúde aos corpos e conforto aos corações.” (FRANCISCO, 2020c, tradução nossa).

É preciso entender essa bênção também como um convite aos governos de todo os países para pôr em prática a solidariedade, colocando a política e a economia a serviço da vida e da casa comum, em consonância com o magistério já estabelecido do próprio Papa na Carta Encíclica *Laudato Si'*, n. 189:

A política não deve submeter-se à economia, e esta não deve submeter-se aos ditames e ao paradigma efficientista da tecnocracia. Pensando no bem comum, hoje precisamos imperiosamente que a política e a economia, em diálogo, coloquem-se decididamente a serviço da vida, especialmente da vida humana. A salvação dos bancos a todo custo, fazendo a população pagar o preço, sem a firme decisão de rever e reformar o sistema inteiro, reafirma um domínio absoluto da finança que não tem futuro e só poderá

2 *Urbi et Orbi* é uma locução adverbial latina, “à cidade de Roma e ao mundo, a todo o universo”. É a bênção de Páscoa e Natal, com as quais o Papa se dirige ao público em geral na Praça de São Pedro. Em 27 de março de 2020, em razão da COVID-19, foi uma mensagem extraordinária.

gerar novas crises depois de uma longa, custosa e aparente cura (FRANCISCO, 2015, p.111).

A alocução do Papa Francisco teve grande repercussão e alcance mundial. Pastoralmente, marcou sua posição de liderança frente não apenas aos católicos, mas diante de toda a família humana, tal a importância de sua oração, do seu chamado à fé e à reflexão, do apelo à coragem e à solidariedade. Sua fala transmitiu empatia, bondade e compromisso com todos que sofrem com a pandemia, bem como aos que sofrem também com outros infortúnios ou necessidades.

No sentido de atender a todos, com especial atenção aos mais atingidos e desfavorecidos, o Papa Francisco retoma, desta vez na Carta Encíclica *Fratelli tutti*, n. 177, o apelo ao exercício da política de forma justa e honesta, como mecanismo de atuação social do Estado. Mais adiante, no n. 190 dessa mesma carta, Francisco ensina que a caridade política deve expressar-se também na abertura a todos, devendo o governante ser capaz de criar realidades em que todos encontrem um lugar, de forma que o intercâmbio de dons favoreça o bem comum. “Parece uma utopia ingênua, mas não podemos renunciar a esse sublime objetivo” (FRANCISCO, 2020b, p. 95).

Naquela solene ocasião em que orava em razão da pandemia, exortando-nos ao arrependimento e à confiança em Deus, o Papa Francisco nos fez ainda duas perguntas do Evangelho, “Por que tendes medo? Ainda não tendes fé?” (Mc 4, 40). Não que tenhamos uma resposta pronta, mas, mediante a fé, a noite escura da pandemia deveria ser leve sobre nós, não obstante o nosso medo, porque, uma vez prevalecendo o temor a Deus, deveríamos refletir sobre nossas possibilidades e perspectivas econômicas e político-sociais, bem como sobre nossa vida espiritual. Nesse sentido o Papa Francisco tem se mantido absolutamente profético em suas atitudes pastorais frente à COVID-19.

Conclusão

Quando introduzimos neste trabalho um apelo aos ensinamentos da teologia simbólica frente à pandemia, tínhamos em mente uma pergunta pela apropriação da resposta à teologia pastoral, urgente nesses tempos. Assim, no percurso realizado desde a emergência viral, adentrando pelo simbolismo da noite escura da COVID-19 que se abateu sobre a humanidade, como se a tudo estivesse paralisando e silenciando, referenciamos com fé e esperança o hino pascal *Exultet*, cujo lirismo magnífico canta a noite abençoada em que Cristo rompe os laços da morte. Essa reflexão nos conduziu do medo à utopia do Reino, conforme nos indicaram em forma de possibilidades os estudiosos que abordamos e, por fim, nos ensinou de forma magistral o próprio Papa Francisco, retomando o simbolismo da noite escura no momento mais solene e extraordinário do seu papado até agora.

Assim como o Papa Francisco procura semear fé e esperança em meio ao sofrimento e desconforto provocados pela COVID-19, chamando todos ao desa-

fio do bem comum, os demais estudiosos e autores que abordamos neste artigo também se alinham ao seu magistério, na medida em que apontam vulnerabilidades do nosso sistema econômico-social, demonstrando a necessidade, em âmbito mundial, de novos reposicionamentos políticos com visão humanitária.

A pandemia da COVID-19 expôs definitivamente a fragilidade e a injustiça do capitalismo neoliberal hegemônico e predatório da modernidade colonial vigente. Pôs à prova, de forma dramática, o egoísmo e a competição a que somos submetidos e que provoca a exclusão e precarização da maioria em relação à riqueza, ao trabalho e aos bens e serviços produzidos, mas cujo acesso é cada vez mais restrito. Esse modelo não é sustentável e evidencia que uma nova postura, menos autossuficiente e mais atenta à dignidade das pessoas e ao respeito à natureza, se torna necessária à humanidade.

Por fim, observamos que a palavra solidariedade, constante nos pronunciamentos do Papa Francisco, perpassa também o pensamento dos intelectuais que elaboram saídas para a crise pandêmica. A noite escura da COVID-19, portanto, nos convida a começarmos a tecer um futuro no qual a solidariedade, a caridade e a utopia sejam os marcos orientativos das nossas vidas e das nossas sociedades. Que possamos vencer a pandemia e finalmente sair das trevas da morte para a luz de Deus e, iluminados pela sabedoria divina, construamos um mundo de justiça e paz.

Bibliografia

ÁLVAREZ, Marcelo Alarcón (Org.). *COVID19*⁵. Santiago, MA-Editores, 2020.

AMADEO, Pablo (Ed.). *SOPA DE WUHAN – Pensamiento Contemporaneo em Tiempos de Pandemias*. La Plata, Editorial ASPO, 2020.

BERNARD, Charles André. *Teologia simbólica*. Roma: Paolini, 2^a. ed. 1984. Disponível em <<http://www.amicidipadrebernard.org/wp-content/uploads/2019/05/Teologia-simbolica-compresso.pdf>>. Acesso em 14 nov. 2020.

BERNARD, Charles André. *Teologia afetiva*. Roma: Paolini, 1985. Disponível em <<http://www.amicidipadrebernard.org/wp-content/uploads/2019/05/Teologia-affettiva-compresso.pdf>>. Acesso em 14 nov. 2020.

BIGEMER, Maria Clara L. *Jesus Cristo: Servo de Deus e Messias Glorioso*. São Paulo: Paulinas; Valência, Espanha: Siquem, 2008.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si', Louvado sejam*, sobre o Cuidado da Casa Comum. São Paulo: Paulos; Loyola, 2015.

FRANCISCO, Papa. *La vida después de la pandemia*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2020a.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Fratelli tutti, todos irmãos*, sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Loyola, 2020b.

FRANCISCO, Papa. *Momento de Oração*. Praça de São Pedro. 27 mar. 2020c. Disponível em <<https://f.e.va/statioorbis/it/>>. Acesso em: 07 abr. 2021.

GIRARD, Marc. *Os Símbolos na Bíblia*. São Paulo: Paulus, 2005.

HALIK, Tomas. *O tempo das Igrejas vazias*. Prior Velho, Paulinas, 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Cruel Pedagogia do Vírus*. Coimbra: Almedina, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O futuro começa agora: da pandemia à utopia*. São Paulo: Boitempo, 2021.

ZIZEK, Slavoj. *PANDEMIA – COVID-19 e a reinvenção do comunismo*. São Paulo: Boitempo, 2020.